

UM ENCONTRO COM OS LIBERAIS

Prof. Ms. Sonia Branco¹ (UFRJ)

...

Resumo: É com grande expectativa que os leitores do final da década de 1850 aguardam a publicação de romances de autores como Turguêniev e Gontcharóv - obras de caráter poético-idealista a fazer frente à literatura “acusatória”, então em franca expansão. No entanto, vendo suas expectativas se frustrarem em larga medida, os leitores passam a protestar com veemência contra aqueles autores e seus heróis. Para compreender a atitude dos leitores e as obras em questão, jovens críticos analisam os procedimentos artísticos, vinculando-os à atualidade social da Rússia, dando início, assim, ao que será um novo método de abordagem da obra de arte – a crítica realista. A reavaliação do idealismo dos “homens dos 40” bem como a percepção do tipo de leitor existente e suas aspirações configuram o ponto inicial para as suas análises.

Palavras-chave: literatura russa, crítica, pensamento

Em meados do século XIX, o avanço da literatura conhecida como acusatória ou direta – literatura que explorava as contradições e misérias da vida russa – contrastava com a onipresente narrativa poética que se movia pelo *beau monde* russo e se mantinha o quanto possível distante da crua realidade. Esse contraste expressava divergências que iriam se acirrar nos anos seguintes no campo das artes e da crítica, opondo os intelectuais liberais da geração dos anos de 1840 como Turguêniev, Gontcharóv, Píssemiski, Hertzen etc. a uma nova intelectualidade nascente.

Em 1858, ao publicar sua novela *Ássia*, Ivan S. Turguêniev teve de enfrentar diversas manifestações de protesto por parte dos leitores, que o acusaram de se afastar dos ideais poéticos. Buscando compreender as razões de tal indignação, o crítico N. G. Tchernichévski fez publicar na revista *Atenei*, o artigo “O homem russo no *rendez-vous*”.

Em seu artigo, o crítico inicialmente constata a preferência dos leitores cultos da época por obras literárias de caráter poético-idealista. Nesse caso, a novela *Ássia* deveria estar bem ao gosto desse público, uma vez que a ação se passa no estrangeiro, longe, portanto, de “todo o ambiente sujo do nosso cotidiano”¹; longe de violências e subornos, de oficiais promíscuos, de comerciantes e mujiques, de pequenos funcionários atormentados etc. Nessa novela, os personagens representam as “melhores pessoas” da sociedade russa, instruídas e humanas, imbuídas dos mais nobres pensamentos – e Tchernichévski considera, assumindo o ponto de vista do leitor: “dessa forma, penso eu, minha alma poderá repousar e se iluminar.” (Tchernichévski, 2007.p.282)

Definindo o protagonista como homem de honradez inabalável, de altos sentimentos, cujo pensamento representa tudo o que possibilita ao nosso século a designação de “século das nobres aspirações” – Tchernichévski nos apresenta o ideal do “homem russo” segundo as demandas dos

¹ Alguns sintagmas expressivos de Tchernichévski serão citados entre aspas a seguir.

leitores cultos, e ao mesmo tempo aproxima o herói, ironicamente, à própria *persona* de Turguêniev que, pertencente à pequena nobreza e, portanto, ao rol das “melhores pessoas”, era considerado um autor capaz de “articular as experiências e aspirações de seu tempo”².

Mas eis que a narrativa chega a seu clímax, e as páginas seguintes “não se parecem com as primeiras...” deixando (no leitor) uma impressão ainda mais desoladora que as deixadas pelas narrativas sobre a corrupção e a miséria da sociedade russa. A mudança de conduta do protagonista no ponto culminante da narrativa leva os leitores a acusarem o autor de erro na concepção dramática.

Poderíamos resumir a história assim: Um certo jovem, membro da classe ilustrada russa, parte ao estrangeiro sem qualquer objetivo além do prazer de perambular por belos lugares e conhecer novas pessoas. Na cidadezinha de L., na Alemanha, trava conhecimento com Gáguin e Ássia, dois meio-irmãos russos – ela, filha ilegítima e vítima de inevitável preconceito com relação a sua origem. A personalidade imprevisível de Ássia o atrai e o rapaz se crê apaixonado, correspondendo ao sentimento que nascia pela primeira vez na moça. A força avassaladora do amor em Ássia leva-a a marcar um encontro com o jovem a fim de decidirem seus destinos. No momento decisivo, o rapaz fraqueja, nega sua responsabilidade e rompe o relacionamento, acusando-a de comprometê-lo.

O leitor se coloca a pergunta: Como uma pessoa que se apresentava tão digna, pode se conduzir subitamente de forma tão baixa, grosseira e cruel?

O leitor mesmo conclui: O poeta cometeu um erro, o caráter do herói não foi mantido.

A posição do leitor é compreensível: por ser uma obra de caráter poético-idealista, uma vez que o herói não se entrega ao amor, não honra o compromisso implícito em sua relação com Ássia, mas acovarda-se, destrói a idéia tão cara de que “existem forças na sociedade que transformarão, com sua nobreza, o caráter da nossa vida, pondo um fim às influências nocivas” (Tchernichévski, 2007.p.283).

Essa idéia traduz um dos princípios que norteava o idealismo dos homens dos 40: o de que a literatura contribui para a transformação moral do homem pela força das idéias ali presentes. Acreditavam que qualquer transformação social só poderia advir dessa transformação moral do indivíduo. Assim, o autor seria uma espécie de “guia espiritual da nação” e a arte, transformando o homem, tornando-o melhor, elevaria espiritualmente e materialmente a sociedade.

Uma reviravolta como a que apresentou o herói de *Ássia* equivaleria, então, a destruir a ilusão e a fé nos “melhores homens” da sociedade.

O crítico reflete sobre a conclusão do leitor: “o poeta cometeu um erro...”

“Mas, afinal, teria o autor errado em seu personagem?” – pergunta-se Tchernichévski – “Se

2 Tal era a designação comumente atribuída a Turguêniev pela imprensa.

errou, então já não é a primeira vez...” e mostra como esse aparente paradoxo na conduta do protagonista se repete em muitas das obras de Turguêniev, como Rúdin e Fausto; como está presente em obras de outros autores como Hertzen (*Quem é culpado?*), Niekrássov (*Sacha*) – escritores de talentos bem diversos - e considera:

Por todo lado, seja qual for o caráter do poeta, seja qual for o entendimento que ele possua sobre a conduta do seu herói, esse herói sempre age da mesma maneira que todas as outras figuras respeitáveis introduzidas na literatura pelos outros poetas: o herói parece bastante ousado quando não se exige dele nenhuma ação concreta, quando se trata apenas de ocupar um tempo ocioso, uma cabeça ociosa ou um coração ocioso com conversas e sonhos; mas assim que é chegada a hora de expressar seus sentimentos e desejos de forma direta e precisa, esses heróis já começam a vacilar e a sofrer certo retardo na língua... o melhor (para eles) é não se comprometer com nada, porque todas as coisas trazem preocupações e inconveniências... Essas são as nossas melhores pessoas. (Tchernichévski, 2007.p. 286)

Ao identificar semelhanças entre as mais variadas obras e os mais variados autores, Tchernichévski torna fenômeno, o que parecia ser uma conduta específica de um personagem, e simultaneamente minimiza a importância da autoria: “Assim são as nossas melhores pessoas” – essa afirmação do crítico não apenas reconhece o amálgama entre o real e a ficção, a vida e a arte, o autor e o personagem - de que já se imbuía o pensamento crítico ao menos desde os anos 40, mas mostra que Tchernichévski está a um passo de identificar a conduta do herói à conduta de toda uma classe social, a da pequena nobreza, e se ainda não o fez diretamente, é apenas porque pretende apresentar a questão através de um novo instrumental teórico, que passa a desenvolver em seguida.

Tchernichévski havia participado dos últimos círculos filosóficos, antes da forte repressão de 1849, que tinham como central os estudos da filosofia materialista de Feuerbach e do materialismo cientificista de Büchner, Moleschott e outros, que vieram a inspirar os seus métodos de interpretação da arte, chamados antropológicos ou sociológicos.

De forma bastante didática, Tchernichévski inicia sua exposição de motivos, demonstrando, por argumentos que toma emprestado às ciências naturais, como as ações humanas estão presas às convenções sociais, que as uniformizam sem que o indivíduo se dê conta; como a repetição de suas condutas, ou seja, a rotina, produz a falsa ilusão da diferença; como, mesmo aqueles que parecem ter um pensamento inovador, não extrapolam os limites do grupo social a que pertencem:

Todo indivíduo é como os demais, em cada um há exatamente o mesmo que há em todos os outros...As diferenças parecem importantes apenas porque surgem na superfície e atraem os olhos, mas, sob o visível, essas aparentes diferenças

escondem uma total identidade. E por que razão o homem seria uma contradição a todas as leis da natureza?...Não pretendo apontar para a pureza científica ou importância teórica da convicção de que a natureza humana é a mesma em todos os homens. Se todas as pessoas são realmente semelhantes, de onde vêm as diferenças em seus comportamentos?...a conclusão que serve de resposta a essa questão é que tudo depende dos costumes e arranjos sociais, ou seja, das circunstâncias, porque os costumes sociais, por seu lado, também surgem das circunstâncias. (Tchernichévski, 2007.p.290-292)

Inferir daí que, se a conduta de um homem depende em grande parte das circunstâncias e costumes da sociedade, então o herói de *Ássia* não é culpado e sim, desgraçado, ou seja, deve-se diferenciar culpa de desgraça: se uma pessoa entre mil decide provocar um incêndio, há culpa; mas se quase todo artesão se põe a brigar depois de beber nos feriados, isso se configura como desgraça e demanda não a punição de uma pessoa em particular, mas a mudança das condições de vida de toda uma classe.

E aqui Tchernichévski atinge o ponto alto da sua crítica: culpa é raridade, desgraça é epidemia. Considera que a conduta do herói de Turguêniev recai em desgraça, que a baixaza com que procedeu seria a mesma com que procederiam muitas daquelas pessoas respeitáveis, as melhores da sociedade, e, portanto, sua conduta não é outra coisa senão um sintoma de doença epidêmica enraizada na sociedade russa. Quanto a *Ássia*, considera que seu maior infortúnio está justamente no fato de que não poderá encontrar ninguém melhor em sua vida, posto que o herói já é uma das “melhores pessoas”, e com isso o crítico mostra que a idealização dos homens dos 40 não deixa alternativa.

Conclusão maior que tira sobre as “melhores pessoas”:

Sem a aquisição do hábito de uma genuína participação na vida civil, sem a aquisição do sentido de cidadania, a criança do sexo masculino, crescendo, torna-se um ser masculino medieval e, mais tarde, antiquado, mas não se torna um homem, ou, no limite, um homem de caráter nobre. É melhor não educar um homem a educá-lo sem a influência de idéias sobre as questões sociais, sem a influência de um sentido que desperte a sua participação nelas. Uma vez que as idéias e os impulsos que têm como objeto a utilidade social estão fora do alcance das minhas observações, fora da esfera de ações em torno das quais eu giro, ou seja, uma vez excluídos os motivos cívicos, o que me resta observar? Do que me resta participar? Resta-me a barafunda azafamada dos seres individuais, com as suas estreitas preocupações pessoais a girarem em torno do seu próprio bolso, da sua pança ou dos seus passatempos... Trivialidades maledicentes ou trivialidades devassas, em todo caso trivialidades insensatas – eis o caráter que assume

invariavelmente a conversa que se afasta dos interesses sociais... Se até mesmo pessoas que adquiriram as mais altas concepções caem em trivialidades vazias e sujas quando seus pensamentos se afastam dos interesses sociais, imagine então o que não acontece a grupos sociais que vivem em total alheamento a esses interesses... E não são apenas os conceitos que se estreitam em mim pelas limitações torpes e futilidades em que vivo; essa característica atravessa também a minha vontade: quanto mais largo o olhar, tanto mais larga a decisão; é impossível que não produza ninharias, a vontade de um homem que, vivendo em sociedade, não possua nenhuma aspiração além das suas pequenas contas do dia-a-dia. (Tchernichévski, 2007. p. 296-298)

Tchernichévski declara, apesar de tudo, seu interesse pelo herói e o atribui à ideologia social inculcada nos jovens de sua geração por falsos livros e aulas que transmitem preconceitos de classe:

Parece-nos sempre que o nosso herói ilustrado presta algum serviço à nossa sociedade, sendo ele um representante do nosso iluminismo, sendo o melhor dentre nós, e sendo que sem ele nós seríamos piores... tem vigorado fortemente em nosso pensamento essa opinião – sonho vão, porque já começamos a perceber que não continuaremos por muito tempo sob sua influência, ou seja, percebemos que há pessoas melhores, e que sem esse herói ilustrado viveríamos melhor - mas no momento ainda não nos acostumamos o suficiente a essa idéia, não nos desprendemos o bastante dessa ilusão em que fomos educados; por isso ainda desejamos o melhor ao nosso herói e a seus semelhantes”. (Tchernichévski, 2007. p. 299)

O crítico considera que tais figuras são incapazes de compreender sua situação atual; incapazes de agir de forma sensata e magnânima; que somente seus filhos e netos, uma vez educados sob outras concepções e costumes, serão capazes de atuar como cidadãos honrados e sensatos.

Afirma, por fim, que a diferença entre os homens está na aptidão para compreenderem as demandas do seu tempo e se tornarem capazes de fazer uso das situações em que se encontram. Com isso, conclui que os homens dos 40 vivem à margem da realidade russa.

Tchernichévski afirma o vínculo indissolúvel entre a compreensão da realidade e a ação sobre ela, percebe a dialética entre a capacidade para captar as demandas do momento e a atuação do indivíduo na sociedade. Rejeita a pretensão dos intelectuais liberais a interpretar as demandas do seu tempo por meio da sua poética e considera que apenas através da participação política na sociedade civil tais demandas podem ser percebidas e, mais ainda, modificadas.

Referências Bibliográficas

- BRANCO S, S. Pensamento e crítica na Rússia oitocentista: preâmbulos de uma revolução. UFRJ. Dissertação de mestrado, 2009
- EAGLETON, T. *Marxism and Literary Criticism*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1976
- KATZ, M., WAGNER, W. “Introduction” in *What is to be done?*, Ithaca-London, Cornell University Press, 1978
- MATLAW, R. “An introduction” in *Belinski, Tchernichévski and Dobroliúbov: selected criticism*, Bloomington-London, Indiana University Press, 1976
- PACINI, G. *La grande stagione della critica letteraria russa*, Milano, Lerici ed, 1962
- TCHERNICHEVSKI, N.G. “Rússki tchelovíek na rendez-vous”, in *Sobránie sotchinieni v piati tomákh*, tom 3: literatúrnaia kítika, Moscou, Bibliotieka otietchéstviennoi klássiki, 1974
- _____ “Rússki tcheloviek na rendez-vous”, in *Rússkaia literatúrnaia kítika XIX vieka: ízbrannie státi*, Moscou, EKSMO, 2007
- TERRAS, V. *The Handbook of Russian Literature*, New Haven-London, Yale University Press, 1985.
- _____ *A History of Russian Literature*, New Haven-London, Yale University Press, 1991.
- TINIÁNOV, I. *Istoria Literaturi i Kritika*, São Petersburgo, Azbuka-Klassika, 2000
- TURGUÊNIEV, I.S. Ássia, trad: Fátima Bianchi, SP, Cosac Naify, 2002
- WALICKI, A. *A History of Russian thought*, Stanford, Stanford Univ.Press, 1979
- WELLEK, R.. *História da crítica moderna*, vol.3-4, SP, ed. Herder, 1971

i Sonia Branco, Profª Ms e Doutoranda
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Departamento de Letras Orientais e Eslavas
sbrancos@gmail.com